

INCLUSÃO EM AÇÃO: OFICINAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA.

EIXO TEMÁTICO: 14

TIPO DO ESTUDO: RE

Delza Cristina Guedes AMORIM

e-mail:delza.cristina@ifsertao-pe.edu.br

Estudante de Doutorado/Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: O projeto Inclusão em ação partiu da questão norteadora de como a falta de conhecimento dos estudantes da educação básica sobre o público-alvo da Educação Especial, seus direitos e necessidades, impactam a construção de uma escola inclusiva. O principal objetivo do projeto foi promover uma cultura de inclusão por meio de atividades práticas e interativas, permitindo que os estudantes conheçam as realidades vividas por pessoas com deficiência. A metodologia utilizada foi por meio de cinco oficinas pedagógicas inclusivas, desenvolvidas por estudantes da Licenciatura em Química, em quatro Escolas de Educação Básica no município de Petrolina-PE. Os licenciandos foram organizados em cinco grupos para as etapas de planejamento, preparação de materiais e realização das atividades propostas. Por meio da observação e rodas de conversa, foi possível identificar a utilização de terminologias inadequadas, de cunho capacitista, o que evidencia que a efetivação da inclusão de estudantes com deficiência no contexto escolar e nos processos de aprendizagem ainda constitui um desafio significativo. Tal constatação reforça a urgência de incorporar, de maneira sistemática e crítica, os fundamentos da educação inclusiva às práticas pedagógicas. Os resultados apontam que metodologias interativas despertam maior interesse favorecendo a assimilação dos conteúdos de maneira dinâmica e instigante.

Palavras-chave: educação inclusiva. pessoa com deficiência. prática pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva baseia-se no princípio de que todos os estudantes, independentemente de suas particularidades físicas, cognitivas, sensoriais, sociais, culturais ou emocionais, devem ter a oportunidade de aprender juntos no mesmo espaço escolar, trocando vivências e aproveitando as mesmas oportunidades. Essa abordagem rompe com práticas que excluem ou separam, promovendo a valorização das diferenças como fator que enriquece o processo de aprendizagem e uma cultura escolar que acolha e respeite a diversidade como parte essencial da vida em sociedade.

O projeto Inclusão em Ação tem sido desenvolvido no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano/IFSertãoPE-Campus Petrolina, desde o ano de 2018, por meio de seminários, palestras, mostras, visitas técnicas, oficinas, eventos e intervenções didáticas em escolas municipais, estaduais e no próprio Campus.

A problematização que envolve o projeto parte da questão norteadora sobre como a falta de conhecimento dos estudantes da educação básica sobre o público-alvo da Educação Especial, seus direitos sociais e suas necessidades educacionais impacta a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

As oficinas pedagógicas são ferramentas importantes na formação dos estudantes da licenciatura, pois proporcionam experiências práticas e reflexivas sobre os desafios do ensino, especialmente no contexto da educação inclusiva. Essas atividades permitem que futuros professores desenvolvam habilidades pedagógicas, experimentem metodologias inovadoras e compreendam melhor as necessidades dos alunos, preparando-se para atuar em salas de aula cada vez mais diversas.

O aporte teórico das oficinas desenvolvidas foi fundamentado em autores como Carvalho (2004), Mantoan, (2003), Sassaki, (2010), entre outros, com uma discussão permeando aspectos históricos, filosóficos e legais da educação especial na perspectiva inclusiva. De acordo com Paviani e Fontana, (2009 p.78) “[...] uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos”.

A inclusão de pessoas com deficiência é um processo que visa assegurar que todos os indivíduos, independentemente de suas limitações, tenham igualdade de

oportunidades em todos os aspectos da vida, incluindo a educação, o trabalho, saúde, lazer. De acordo com o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146/2015, Artigo 2º. Brasil, 2015),

Uma pessoa com deficiência é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

A inclusão reconhece e valoriza a diversidade, buscando remover barreiras arquitetônicas, atitudinais, e de comunicação que possam impedir a plena participação das pessoas com deficiência. Esses conceitos destacam a importância da adaptação do ambiente escolar e das práticas pedagógicas para garantir que todos, incluindo pessoas com deficiência, possam acessar uma educação de qualidade e participar plenamente do processo educativo.

A escolha de utilizar como metodologia a oficina se justifica pois, por meio desta, os participantes são incentivados a vivenciar, investigar e produzir por meio de atividades previamente organizadas. Ao contrário do modelo tradicional de aula, esse formato se destaca pela interatividade, favorecendo o engajamento direto com os conteúdos, a realização de descobertas e a construção coletiva do saber. (Antunes, 2011)

As oficinas incentivam uma aprendizagem dinâmica, na qual os estudantes assumem um papel ativo no processo educativo, deixando de ser meros receptores de conteúdo. Ao praticar e experimentar, eles desenvolvem habilidades integrando saberes à vivência. Esse formato também oferece flexibilidade, permitindo que cada estudante aprenda conforme seu ritmo e afinidades, o que se mostra particularmente eficaz em contextos educacionais diversos.

A realização das oficinas pedagógicas inclusivas ocorreu na disciplina Prática Pedagógica II, no curso de Licenciatura em Química, como atividade prática e continuou como atividade de curricularização da extensão e teve como objetivo promover a construção de uma cultura de inclusão nas escolas para que os estudantes conheçam de forma prática e interativa as realidades vividas por pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista/TEA e altas habilidades/superdotação, público-alvo da Educação Especial.

2 DESENVOLVIMENTO

Por meio do projeto de extensão “Inclusão em ação”, foram realizadas cinco oficinas pedagógicas inclusivas em quatro Escolas de Educação Básica no município de Petrolina-PE. Os licenciandos foram organizados em cinco grupos para as etapas de planejamento, preparação de materiais e realização das atividades propostas, com uma carga horária total de trinta horas, sendo quatro horas semanalmente. Foram três turmas do ensino fundamental (5º ano), uma do ensino médio (1º ano) e uma da Educação de Jovens e Adultos.

Após a pesquisa bibliográfica e discussão dos fundamentos teóricos e legais da Educação Especial na perspectiva inclusiva, os grupos foram organizados para o planejamento das etapas com a orientação da professora, seguindo o seguinte roteiro: nome da oficina, público-alvo, carga horária, objetivos, programação, recursos e materiais. Dentro da programação, foram destacadas as etapas: apresentação do tema e grupo, atividade de sensibilização e reflexão, aplicação das dinâmicas e avaliação. A seguir serão descritas as oficinas realizadas:

A primeira oficina, abordando todas as deficiências foi: **Diversidade na escola: promovendo a inclusão com a turma da Mônica**. Os objetivos propostos foram: conhecer os diferentes tipos de deficiência; identificar as necessidades específicas das pessoas com deficiência; compreender a importância da educação inclusiva e desenvolver habilidades de empatia. O público-alvo foram trinta e cinco crianças do 5º ano do ensino fundamental, turno matutino, de uma Escola Municipal. A equipe que realizou a oficina foi composta por cinco estudantes de Licenciatura e teve a duração de duas horas e meia com intervalo. Os conteúdos foram alinhados com os personagens da série de animação Turma da Mônica: Humberto - surdo; Dorinha – deficiência visual; Luca – deficiência física; Tati – síndrome de Dawn; André – espectro autista.

Após a explicação usando os vídeos da Turma da Mônica e os slides mostrando os personagens, foi solicitado das crianças um desenho para expressar algo que tivesse aprendido. Depois dos desenhos houve um jogo de caça-palavras, no qual as palavras a serem encontradas estavam relacionadas ao que foi explicado. Por fim, foi feito um quiz, com o propósito de avaliar os conceitos assimilados pelas crianças durante a oficina.

Os resultados evidenciaram que as crianças demonstraram um considerável conhecimento em relação ao conteúdo, o que sugere uma abordagem eficaz de inclusão na escola onde a oficina foi realizada. Uma significativa parcela dos alunos demonstrou engajamento ao compartilhar suas opiniões e conhecimentos relacionados ao tema.

Diante dessa realidade, a fala de Mantoan (2003), aborda que a escola deve buscar novas formas de incluir o aluno, respeitando suas particularidades, pois a inclusão é essencial para seu desenvolvimento e uma vida digna em sociedade. Além disso, a inclusão contribui para a superação das barreiras sociais, como o preconceito, preparando as futuras gerações para enfrentar a vida.

Ao término da oficina, cada criança recebeu uma lembrança preparada pela equipe como forma de agradecimento, seguido da audição da música "Normal é Ser Diferente". Essa música, composta por Jair Oliveira, celebra a diversidade humana e enfatiza que as diferenças entre as pessoas são naturais e enriquecedoras. A música ressalta que os laços de amizade vão além de diferenças como cor, etnia ou costumes, valorizando a singularidade de cada pessoa como elemento que enriquece e torna o mundo mais diversificado e fascinante. (Oliveira, 2015).

A segunda oficina foi **Reflexões da vivência de Pessoas com Deficiência**, a qual foi elaborada e realizada por cinco licenciandos. Os objetivos foram: conhecer sobre a vivência de pessoas com deficiência; compreender e debater sobre as vivências e os desafios da pessoa com deficiência para que haja mais suportes destinados a elas. O público-alvo foram trinta e cinco crianças do 5º ano do ensino fundamental, turno vespertino, de uma Escola Municipal, com duração de duas horas.

Inicialmente foi feita a apresentação do grupo e do tema por meio de um slide explicativo sobre as deficiências física, auditiva e visual. Em seguida realizou-se cinco dinâmicas para testar os sentidos e para vivenciar a realidade de pessoas com deficiência. Foram elas: "Caixa surpresa", "Desenhos pontilhados"; "Jogo da memória"; "Jogo de tabuleiro adaptado"; "Telefone sem fio adaptado". Cada licenciando ficou responsável por uma dinâmica e as crianças foram divididas em grupos para passar por cada estação experimentando as atividades.

A caixa surpresa oportunizou as crianças vendadas identificarem os objetos contidos por meio do tato. Com os desenhos pontilhados ela puderam exercitar a coordenação motora fina. O jogo da memória foi confeccionado em cartolina usando

gravuras de situações cotidianas de pessoas com deficiência. No jogo do tabuleiro adaptado, também confeccionado em cartolina, os estudantes respondiam perguntas sobre as deficiências e quando acertavam podiam avançar as casas. O telefone sem fio foi usado para a leitura labial, no qual uma criança com um abafador no ouvido deveria identificar o que estava sendo dito por outra criança. Todas as crianças participaram da dinâmica. A oficina foi finalizada com uma roda de conversa na qual as crianças expressaram os conhecimentos e sentimentos em relação ao que foi vivenciado.

Os resultados demonstraram a participação ativa dos alunos que fizeram rodízio em cada uma das atividades propostas. Na roda de conversa falaram sobre experiências com um colega de sala autista e outros colegas com deficiência na escola o que mostra um bom conhecimento sobre a inclusão. No decorrer das atividades, devido ao barulho na sala durante as dinâmicas, o estudante autista da turma precisou sair para se regular, não retornando para a continuidade da oficina.

Nesse sentido, ainda existe uma discrepância entre o conhecimento teórico, a legislação e a realidade vivenciada nas escolas, tornando fundamental a construção de uma “cultura institucional para a inclusão escolar”. Para isso, é necessário criar espaços formativos que envolvam tanto os profissionais da educação quanto a comunidade, buscando atender às diferentes necessidades educativas. (Boff e Machado, 2024).

A terceira oficina foi denominada **Educação inclusiva para pessoas com deficiência auditiva**. A equipe que realizou a oficina foi composta por cinco estudantes da Licenciatura e os objetivos foram: conscientizar os alunos sobre os desafios dos deficientes auditivos, conhecer expressões em libras comuns no cotidiano e entender a importância da inclusão de pessoas com deficiência auditiva nas escolas.

O público-alvo foram doze alunos da Educação de Jovens e Adultos/EJA, numa Escola Municipal, com duração de duas horas. A introdução da oficina foi feita com uso de slides para explicação do tema proposto e interação com a turma por meio de perguntas. Após, houve a aplicação de um quiz de dez perguntas baseadas na explicação, em que cada dupla recebeu placas com os sinais das letras A e B em Libras para usar na escolha da resposta. Em seguida foi apresentado o alfabeto em Libras e cada um aprendeu como sinalizar a primeira letra do seu nome bem como algumas expressões do cotidiano como “boa noite”, “obrigado”, “como vai” etc.,

utilizando o aplicativo gratuito “Hand Talk”. Por fim, a dinâmica da leitura labial com fone de ouvido, na qual a pessoa com um fone de ouvido tocando uma música, foi desafiada a fazer a leitura labial que outro fazia.

Os resultados obtidos foram percebidos por meio do engajamento dos alunos nas atividades, participando e perguntando, apesar de que alguns não quiseram participar, ficaram só observando. No momento da roda de conversa falaram sobre experiências vivenciadas com pessoas surdas e com outras deficiências e usaram terminologias que estão fora de uso, tais como: “mudinho”, “aleijado” “doidinho”.

Conforme Sassaki (2003), a forma como nos referimos às pessoas com deficiência reflete diretamente as concepções sociais sobre elas e pode influenciar sua acessibilidade, participação e direitos na sociedade. O uso de terminologias tem se modificado ao longo das mudanças de paradigmas, passando de expressões pejorativas ou reducionistas para uma abordagem mais respeitosa e inclusiva.

A quarta oficina foi com o tema: **Aprendendo além da visão**. Os objetivos propostos foram: conhecer sobre a deficiência visual e vivenciar situações para sentir na pele a falta da visão. Foi realizada com vinte e três alunos do 1º ano do Ensino Médio em um Colégio Estadual, com duração de duas horas. Participaram da equipe quatro licenciandos.

A oficina iniciou com a aplicação de um questionário de sondagem impresso com as questões divididas em três categorias: percepções sobre Inclusão e dificuldades de aprendizagem, experiências de exclusão e discriminação e, opiniões sobre convivência e adaptações.

Em seguida foi feita a apresentação de slides com explicações sobre a deficiência visual e o vídeo “Mitos e verdades sobre a deficiência visual” para sensibilização, a qual utilizou perguntas sobre o vídeo. Após esse momento, foi aplicada a dinâmica de “sentir na pele” por meio da “Caixa de treino tátil” na qual, com olhos vendados, os estudantes pegavam um objeto para identificar o que era. A última dinâmica foi o “Futebol de cegos” na qual os estudantes foram encaminhados à quadra poliesportiva e os que quiseram participar foram vendados e usaram a audição para localizar e chutar a bola.

A participação no jogo foi bem intensa, e o resultado do questionário aplicado no início, demonstrou um bom conhecimento sobre inclusão de pessoas com deficiência. A maioria disse não acreditar na possibilidade da inclusão de uma

pessoa com deficiência visual na sua turma, apesar de afirmarem que nunca presenciaram uma cena de exclusão de deficiente visual.

Essa aparente contradição entre inclusão e exclusão revela a importância de compreender que a pessoa com deficiência visual necessita de mais estímulos e oportunidades para desenvolver suas habilidades e competências, de modo a explorar o ambiente, comunicar-se, aprender e participar de diferentes atividades (Lourengo et al, 2020).

A quinta e última oficina foi: **Descobrimdo o mundo com outros olhos**. Os objetivos propostos foram: promover a inclusão de pessoas com deficiência visual na escola e na sociedade; conhecer os direitos das pessoas com deficiência visual; vivenciar situações para sentir na pele os desafios de uma pessoa cega. Conhecer o código braille de escrita, o papel do “cão-guia” e identificar os recursos usados na sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE que atendem aos deficientes visuais.

O público-alvo foram trinta e duas crianças do 5º ano do ensino fundamental de uma Escola Municipal. Depois do momento de acolhida das crianças os estudantes se apresentaram, e, por meio de vídeo e explanação usando slides, falaram sobre as diferentes classificações da deficiência visual, como cegueira e baixa visão, além dos principais desafios enfrentados por pessoas cegas na sociedade como também o papel e a importância do cão-guia.

Seguindo a programação prevista as seguintes atividades foram desenvolvidas dentro do período de duas horas. Atividade 1. Caminhada em duplas no pátio da escola em que um dos estudantes estava com vendas nos olhos e o outro guiando durante o percurso e depois invertia a posição da dupla. Durante esse processo, a criança que estava vendada teve a oportunidade de vivenciar a vulnerabilidade e a necessidade de confiar no outro. Por sua vez, a criança responsável por guiar deveria demonstrar sensibilidade às necessidades e limitações da outra, promovendo, assim, o desenvolvimento da empatia e da compreensão.

Atividade 2. Jogo de memória auditiva: utilizando copos descartáveis lacrados com diferentes objetos dentro (feijão, areia, arroz etc.), cinco estudantes se voluntariaram para participar. O objetivo do jogo era identificar sons idênticos enquanto os participantes estavam com os olhos vendados. Dentre os cinco

participantes, apenas um conseguiu completar o desafio com êxito. Essa atividade demonstrou a importância dos outros sentidos na ausência da visão.

Atividade 3. Bola ao alvo: os estudantes formaram duplas, em que um deles estaria vendado e o outro não. Os vendados tinham como objetivo acertar o alvo com uma bola, apenas com o auxílio sonoro da sua dupla, que indicava a direção a ser chutada a bola. Essa atividade enfatiza a importância de uma comunicação eficaz, ajudando a desenvolver habilidades de escuta ativa e clareza na transmissão de informações.

Atividade 4. Caminhada para conhecer a sala do AEE: os estudantes foram direcionados pelos licenciandos a sala de AEE com intenção de conhecer e aprender sobre recursos e materiais utilizados por deficientes visuais, tais como; reglete, lupas, máquina braile, impressora braile, livros didáticos e paradidáticos em braile. Esse momento demonstrou que o AEE faz parte da estrutura inclusiva da escola, reforçando a ideia de que todos os alunos têm acesso ao suporte necessário para seu pleno desenvolvimento.

Atividade 5. Entrega de cartelas com o alfabeto em braile, feitas com papel cartão e bolinhas de missanga, para servir de modelo para cada criança escrever o próprio nome no caderno usando o código. A oficina foi finalizada com o Vídeo da Turma da Mônica: “Dorinha e sua Deficiência Visual”.

Como resultados observou-se um engajamento da turma nas atividades por meio de perguntas e participação, além de demonstrarem um bom conhecimento sobre a inclusão de pessoas com deficiência. Houve no final uma roda de conversa e três alunos falaram do que aprenderam enfatizando que entenderam as explicações e gostaram de conhecer a sala de AEE.

É relevante ressaltar que a cultura em que vivemos dá prioridade aos estímulos e às informações visuais. Como consequência, o modelo educacional adotado tende a favorecer predominantemente a aprendizagem por meio da visão. Isso coloca os estudantes com deficiência visual em uma posição de desigualdade em relação aos demais colegas (Lourenço et al, 2020). Nesse sentido, as vivências realizadas, permitiram o colocar-se no lugar do outro e perceber com “outros olhos”.

A oficina alcançou seus objetivos proporcionando aprimoramento de habilidades pedagógicas e a reflexão sobre práticas inclusivas, aumentando o conhecimento sobre as realidades enfrentadas por pessoas com deficiência visual.

A falta de conhecimento sobre a Educação Especial pode comprometer significativamente a construção de uma cultura escolar inclusiva. Os estudantes participantes das oficinas demonstraram um bom conhecimento apesar de nunca terem ido à sala de Recursos Multifuncionais onde é realizado o AEE, demonstrando a necessidade de maior engajamento entre estudantes, professores, gestores e os profissionais da Educação Especial.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as observações e comentários dos estudantes das escolas que participaram das oficinas, ficou evidente que a forma lúdica com que foram conduzidas as atividades oportunizou um aprendizado significativo e envolvente. A utilização de metodologias interativas despertou maior interesse e motivação entre os participantes, favorecendo a assimilação dos conteúdos.

As oficinas, ao serem incorporadas ao processo educativo, proporcionaram um ambiente mais acolhedor e estimulante, onde os estudantes puderam explorar os temas de forma ativa e criativa, o que foi evidenciado nas rodas de conversas, desenhos e quizzes. Além disso, a interação promovida pelas atividades oportunizou que os estudantes compartilhassem experiências de conhecidos, colegas, familiares, bem como conhecimentos já construídos, fortalecendo o senso de coletividade.

Desde os estudantes do ensino fundamental do quinto ano, aos do ensino Médio e EJA, a temática da inclusão das pessoas com deficiência foi muito bem recebida, mas também favoreceu conhecer algumas conotações capacitistas e uso de terminologias inadequadas durante as atividades.

Já para os licenciandos, o processo de planejar, trabalhar em grupo, elaborar materiais e aplicar oficinas pedagógicas inclusivas também contribui significativamente para a formação inicial. Essas experiências permitem que os futuros docentes desenvolvam competências essenciais, como a capacidade de adaptação, criatividade, trabalho colaborativo e sensibilidade para lidar com a diversidade presente no ambiente educacional. A vivência prática das oficinas auxilia na construção de uma postura mais reflexiva e crítica sobre o ensino, promovendo uma formação mais condizente com os desafios da Educação Especial na perspectiva inclusiva.

Outra contribuição significativa para os licenciandos foi a oportunidade de divulgar as experiências por meio da publicação de dois resumos simples em evento

institucional, dois relatos de experiência em evento internacional e um artigo publicado nos anais de um evento internacional. As publicações foram de grande incentivo para o desenvolvimento acadêmico e socialização dos resultados.

A percepção dos estudantes sobre o processo escolar das pessoas com deficiência pode favorecer a inclusão ou perpetuar a exclusão. A falta de conhecimento sobre o público-alvo da Educação Especial, seus direitos e necessidades, tende a produzir percepções estigmatizadas e afetar negativamente a inclusão escolar.

A inclusão efetiva de estudantes com deficiência nas atividades escolares e no processo de aprendizagem ainda representa um desafio, evidenciando a necessidade de integrar a perspectiva da educação inclusiva às práticas pedagógicas, promovendo dessa forma uma cultura de inclusão no ambiente escolar por meio do acolhimento e respeito à diversidade.

Por caracterizar-se como um ambiente de aprendizado prático, no qual os participantes são incentivados a vivenciar, explorar e produzir conhecimento por meio de atividades estruturadas, a oficina, diferentemente de uma aula expositiva, se destaca por seu caráter interativo, promovendo a troca de saberes e experiências entre os envolvidos.

Essa troca entre os licenciandos, estudantes e professores das Escolas, demonstrou ser uma importante estratégia quanto aos objetivos propostos nas oficinas. Em contraponto, notou-se ainda a utilização de expressões discriminatórias e terminologias inadequadas ao tratar das pessoas com deficiência, ressaltando a importância de um compromisso mais sólido das instituições escolares com a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS

Antunes, H. S. (2011). *Ser aluna, ser professora: Um olhar sobre os ciclos de vida pessoal e profissional*. Editora da UFMS.

[Boff, A. P., & Machado, A. de B. \(2024\). Educação especial na perspectiva inclusiva: uma revisão pautada no direito de todos à educação. *Educar Em Revista*, 40\(1\), e 85133. \(link externo\)](#)

[Brasil. \(2015\). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015: Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência \(Estatuto da Pessoa com Deficiência\). Presidência da República. \(Link externo\)](#)

Carvalho, R. (2004). *Educação inclusiva com os pingos nos “is”*. Mediação.

[Lourenço, E. A. G., Fidalgo, S. S., Malheiro, C. A. L., & Campos, S. R. L. \(2020\). Acessibilidade para estudantes com deficiência visual: Orientações para o ensino superior \(1ª ed., Vol. 1\). Portal da Acessibilidade. \(link externo\)](#)

Mantoan, M. T. E. (2003). *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* (Coleção Cotidiano Escolar). Moderna.

[Oliveira, J. \(2015, fevereiro\). Normal é ser diferente \[Vídeo\]. YouTube. \(link externo\)](#)

[Paviani, N. M. S., & Fontana, N. M. \(2009\). Oficinas pedagógicas: Relato de uma experiência. *Conjectura: Filosofia e Educação*, 14\(2\), 77–88. \(link externo\)](#)

[Sassaki, R. K. \(2003\). Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In V. Vivarta \(Coord.\), *Mídia e deficiência* \(pp. 160–165\). Andi; Fundação Banco do Brasil. \(link externo\)](#)

Sassaki, R. K. (2010). *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos* (8ª ed. ampl. e rev.). WVA.

[Silva, I., Lopes, B. J. S., & Quadros, S. \(2024\). Práticas pedagógicas inclusivas no ensino regular em colaboração com a educação especial. *Revista Educação Especial*, 37\(1\), e17/1–32. \(link externo\)](#)

Stainback, S., & Stainback, W. (1999). *Inclusão: Um guia para educadores*. Artmed.